

**FORÇA E FRAGILIDADE: UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM DALVA EM *TUDO É RIO*, DE CARLA MADEIRA**

Emanuelly Beatriz Sales Xavier¹
Micaela Sá da Silveira²

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, tem como objetivo principal analisar ambivalência como chave de leitura para a construção da personagem Dalva, protagonista do romance *Tudo é Rio* (2014), de Carla Madeira. Para tanto, entendemos que a ambivalência não apenas molda a trajetória de Dalva, mas também reflete as complexidades da identidade das mulheres contemporâneas, em que força e fragilidade coexistem de maneira indissociável. Teoricamente, embasamo-nos em estudos de gênero, bem como nos estudos acerca da literatura contemporânea escrita por mulheres, a partir das contribuições de Badinter (2009 e 2011), Bauman (1999), Dalcastagnè (2012), Resende (2008), Schollhammer (2009), Silva (2010), dentre outras e outros pesquisadores. Os resultados mostram que a ambivalência em Dalva reflete as experiências de mulheres na contemporaneidade, pois força e fragilidade estão profundamente conectadas e presentes em suas escolhas, especialmente quando envolvem os relacionamentos afetivos e sexuais, assim como a maternidade. Outrossim, fica evidente, através da análise, a tensão entre submissão e resistência, mostrando como Dalva enfrenta situações de abuso, mas também encontra caminhos para resgatar sua autonomia e dignidade.

Palavras-chave: ambivalência; força e fragilidade; literatura contemporânea; mulher.

ABSTRACT

The main objective of this bibliographical research is to analyze ambivalence as a key to reading the construction of the character Dalva, the protagonist of Carla Madeira's novel *Tudo é Rio* (2014). To this end, we believe that ambivalence not only shapes Dalva's trajectory, but also reflects the complexities of contemporary women's identities, in which strength and fragility coexist inseparably. Theoretically, we draw on gender studies, as well as studies on contemporary literature written by women, based on the contributions of Badinter (2009 and

¹ Graduanda do curso de Letras-Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).
E-mail: emanuelybeatriz043@gmail.com

² Professora Doutora do curso de Letras-Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).
E-mail: micaela.sa@ufersa.edu.br

2011), Bauman (1999), Dalcastagnè (2012), Resende (2008), Schollhammer (2009), Silva (2010), among others. The results show that Dalva's ambivalence reflects the experiences of women in contemporary times, since strength and fragility are deeply connected and present in her choices, especially when they involve affective and sexual relationships, as well as motherhood. The analysis also shows the tension between submission and resistance, showing how Dalva faces situations of abuse, but also finds ways to recover her autonomy and dignity.

Keywords: ambivalence; strength and fragility; contemporary literature; woman.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A discussão acerca do contemporâneo tem sido cada vez mais abrangente nos estudos culturais em nossa sociedade e, nesse âmbito, muito se questiona acerca das definições e possibilidades de compreensão dessa concepção. Assim, pensar esse conceito é caminhar por uma seara de perspectivas que ora se aproximam, ora se afastam ou se complementam. O contemporâneo vai além da ideia de simplesmente viver no presente; ele envolve mudanças sociais e culturais constantes e rápidas, ao mesmo tempo em que lidamos com essas mudanças, lidamos também com o que já está tradicionalmente solidificado, e isso pode gerar conflitos e incertezas.

Na visão de Schollhammer (2009), ser contemporâneo significa ser capaz de se orientar mesmo em situações de incerteza e ter a coragem de reconhecer e de comprometer-se com o presente, mesmo que não seja possível estar completamente alinhado com ele. Assim como sugere o autor, a contemporaneidade não diz respeito apenas à temporaneidade, mas também fala de postura e atitude frente ao mundo, diz respeito à ideia de que nem sempre encontraremos respostas definitivas para questionamentos, mas que devemos buscar, mesmo em meio às incertezas, respostas mais claras possíveis. Em suma, poderíamos entender que ser contemporâneo é refletir e agir de forma ativa na construção de um futuro que, mesmo incerto, pode ser formulado por nossas escolhas e comprometimentos.

Na perspectiva de Silva (2010, p. 173), “[...] os sujeitos contemporâneos vivem uma dolorosa crise de identidade, porque envoltos em novos valores que ainda não se estabelecem plenamente nos vários locais da cultura”. Ou seja, essa situação pode gerar confusão e insegurança, já que os indivíduos nunca estão em uma base cultural estável para se orientar. Como a contemporaneidade é um período de transição, os valores antigos já não são mais absolutos e os novos ainda não estão totalmente estabelecidos.

Nesse cenário, a chamada Literatura Contemporânea, por sua vez, acaba sendo um campo vasto e diversificado que abrange as produções literárias desde o final do século XX até os dias atuais. Este período é marcado por uma diversidade de produção de obras, estilos e temas que refletem as complexidades e transformações da sociedade contemporânea. Nesse contexto, destacamos o que Resende (2008, p. 8) chama de “guinada subjetiva”: um movimento cultural e literário que buscava dar ênfase às experiências individuais, focando no “eu” das pessoas. Esse movimento surgiu com o intuito de valorizar novas vozes e perspectivas, após um longo período em que essas áreas estavam voltadas predominantemente para o social e o coletivo. Essa guinada, resultou na tentativa de “democratização dos autores da história capaz de dar voz aos excluídos, aos sem-voz e sem outras posses e direitos” (Resende, 2008, p. 8). A fala de Resende (2008) diz respeito ao processo de inclusão de grupos historicamente marginalizados, uma vez que ela fala da importância de destacar as experiências desses grupos que normalmente não são ouvidos, pois, ao longo do tempo, acabaram sendo silenciados por narrativas tradicionais. Então, surge essa necessidade de democratização que implica em uma reconfiguração que tenta incluir não apenas os elitizados, mas também grupos minorizados.

Neste cenário é que está inserida a obra literária *Tudo é Rio*, de Carla Madeira (2014), objeto de estudo do nosso trabalho. Neste romance, o enredo entrelaça as vidas de personagens profundamente marcadas por suas experiências, sendo Dalva a figura central dessa análise. Dalva é uma mulher madura e sábia, mas amargurada pela trágica perda de seu filho, um evento que abala profundamente seu casamento com Venâncio. A complexidade dessa relação, que se conecta à prostituta Lucy através de um triângulo amoroso, marca a jornada interna de Dalva. Essa dinâmica é metaforicamente associada ao fluxo de um rio, revelando tanto a força quanto a fragilidade da personagem ao longo da trama. No texto em questão, Dalva é representada de forma ambivalente, o que nos permite observar suas capacidades de resistência, determinação e resiliência, ao mesmo tempo em que expõe suas vulnerabilidades e momentos de incerteza e fraqueza.

Assim, ao identificar a ambivalência³ força/fragilidade na personagem Dalva, torna-se necessário compreender como essa dupla perspectiva interfere em sua construção, considerando que essa tensão interna desempenha um papel significativo na complexidade da personagem e na riqueza da narrativa. A coexistência de aspectos aparentemente opostos oferece uma visão mais profunda da personagem, tornando-a multifacetada e desafiadora

³ Compreendemos a ambivalência à luz do pensamento de Zygmunt Bauman (1999), conforme será discutido no tópico de análise.

dentro da trama literária. Deste modo, a presente pesquisa propõe-se responder à seguinte questão: Como a ambivalência força/fragilidade influencia na construção da protagonista Dalva da obra *Tudo é Rio*, de Carla Madeira?

Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral: Analisar a influência da ambivalência força/fragilidade na construção da protagonista Dalva na obra contemporânea *Tudo é Rio*, de Carla Madeira, e como objetivos específicos: a) perceber como a solidariedade influencia as relações entre as mulheres protagonistas ao longo da narrativa; b) identificar como a maternidade se conecta à ambivalência fragilidade/força na construção da personagens Dalva; c) investigar como as mulheres são apresentadas na literatura contemporânea escrita por mulheres.

Assim, essa pesquisa bibliográfica partiu da investigação na obra e do diálogo com a teoria selecionada. No que se refere ao percurso metodológico, este consistiu na leitura e releitura da obra, seleção de teoria e análise. A primeira leitura foi feita com o intuito de identificar características estruturais da obra, como personagens, enredo, narrador, tempo e espaço, bem como perceber a ambivalência presente. A releitura, por sua vez, teve como objetivo identificar e selecionar trechos nos quais essa ambivalência é verticalizada. Em seguida, foi realizada a busca de textos teóricos que dialogassem com temas que emergem na obra como literatura contemporânea, autoria de mulheres e ambivalência, os quais servirão de base para a análise da obra. Finalmente, os trechos da obra foram analisados à luz da teoria selecionada.

No que se refere à hipótese, sustenta este estudo a suposição de que a ambivalência força/fragilidade na personagem Dalva, da obra *Tudo é Rio* de Carla Madeira é um fator determinante na sua trajetória e construção literária. Essa ambivalência torna a personagem mais humanamente representativa, oferecendo uma visão profunda de sua identidade ao longo da narrativa, em que força e fragilidade coexistem e se entrelaçam de forma indissociável, enriquecendo a dimensão psicológica e emocional da obra.

A escolha de estudar a ambivalência força/fragilidade na construção da protagonista Dalva justifica-se pela relevância desse tema na compreensão das narrativas contemporâneas escritas por mulheres. Em *Tudo é Rio*, Carla Madeira apresenta uma protagonista cuja complexidade reflete a multiplicidade de experiências e desafios enfrentados por mulheres em um contexto social que constantemente impõe expectativas contraditórias. Ao investigar como essa ambivalência se manifesta na construção de Dalva, esta pesquisa contribui para uma análise mais profunda das representações de mulheres na literatura contemporânea; assim como também constrói crítica literária para uma autora contemporânea.

É importante deixar claro que, para análise da construção da personagem Dalva, entendemos as complexidades que a envolvem, sendo caracterizada como muito mais do que simplesmente forte ou frágil, mas sim uma personagem inserida nesse espaço de possibilidades, em que suas ações podem ser lidas como fortes e frágeis na mesma medida, pois noções de força e fragilidade podem, em algum momento, se confundir e confluir, isso ocorre porque não é possível analisar a personagem com base em um único parâmetro, já que tanto ela quanto a obra, em sua grandiosidade, não se limitam a uma única perspectiva.

No que se refere à organização, esta pesquisa está estruturada em três seções, iniciando por estas considerações iniciais, seguida, na Seção 2, pela revisão teórica e a Seção 3 com a análise da obra *Tudo é Rio* de Carla Madeira. Por fim, na Seção 4, apresentamos as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Caminhos da Literatura Contemporânea

Comumente, quando ouvimos a palavra “contemporâneo”, associamos à ideia de atualidade. Da mesma maneira quando pensamos em “literatura contemporânea”, pensamos em uma literatura que representa a atualidade, no entanto, de acordo com Schollhammer (2009 p. 10), “A literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente que se afastam de sua lógica”. Dessa forma, entendemos que a literatura contemporânea possibilita visibilidade a temas que são marginalizados pela narrativa predominante, incluindo questões sociais, políticas ou culturais que são normalmente ignoradas ou silenciadas.

Na esteira desse pensamento, Dalcastagnè (2012) discorre sobre a dificuldade de pensar na Literatura Brasileira Contemporânea sem trazer os problemas de disputa por espaço e hierarquia social, que, muitas vezes, parecem estar apaziguados, mas que surgem sempre que a “ordem” sai do lugar. Isso acontece “[...] porque todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa” (Dalcastagnè, 2012, p. 7). Em outras palavras, a literatura contemporânea é um lugar de disputa e aqueles que compõem a

hierarquia querem continuar decidindo quem escreve ou não literatura, enquanto aqueles que são minorizados buscam espaço pelo seu “lugar de fala”⁴.

Schollhammer (2009), ao discutir sobre o escritor contemporâneo, assinala que ele “parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente” (Schollhammer, 2009, p. 10). Assim, podemos associar essa “urgência” à disputa por espaço e voz para que sejam ouvidos, pois de acordo com Dalcastagnè (2012), não basta apenas falar, é preciso ser ouvido; para ser ouvido é necessário fazer uma literatura que atinja seu alvo de maneira rápida e eficaz.

Ainda de acordo com Dalcastagnè (2012), cada vez mais pessoas minorizadas têm tido a oportunidade de escrever e publicar, no entanto isso não significa sucesso, tampouco significa equidade. Basta olhar para quem ocupa os lugares de mais visibilidade como bibliotecas, grandes livrarias, ou até mesmo olhar para quem costuma ganhar renomados prêmios, que percebemos quão desigual é o nosso campo literário. Assim, mesmo que mais pessoas, dos mais variados grupos, consigam produzir, o que é considerado “Grande Literatura”⁵, ainda é aquilo que não fere a ordem socialmente imposta. Esse comportamento de preservação da ordem resulta na representação social e cultural de uma pequena parcela da sociedade, que se encaixa nos padrões que favorecem apenas o homem, o branco, o rico e o heterossexual.

Ao partir para dados fornecidos por Dalcastagnè (2012, p. 8), podemos observar o quanto desigual é essa ocupação de espaços, pois

[...] em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, [...] mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60%

⁴ De acordo com Regina Dalcastagnè, “lugar de fala” é um conceito que parte da ideia de que todo discurso parte de uma posição específica na sociedade, essa posição é marcada por experiências individuais e coletivas, como raça, gênero, classe social, sexualidade, entre outros, ou seja, todos os discursos são situados.

⁵ Márcia de Abreu (2006), em *Cultura Letrada: Literatura e Leitura*, aponta que um texto só será considerado parte da Grande Literatura se for reconhecido pelas chamadas “instâncias de legitimação” (Abreu, 2006, p. 40), a exemplo da “universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias”, entre outros. Uma obra só passa a integrar o seletivo grupo da Grande Literatura quando é validada como literária por uma ou várias dessas entidades de legitimação. Assim, o que define um texto como literário não são apenas suas características internas, mas sim a posição que ele ocupa no conjunto dos bens simbólicos, determinada pela crítica e pelo sistema educacional.

deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo (Dalcastagnè, 2012, p. 8).

Esses dados mostram a grande desigualdade quanto à relação de gênero e raça na literatura, especificamente quando o assunto é premiação. Como podemos observar, é esmagadora a quantidade de homens premiados em relação às mulheres, o que confirma a marginalização das vozes de mulheres na literatura. Isso reflete uma estrutura de poder que historicamente valoriza o fazer literário do homem, não permitindo que a mulher tenha a devida valorização e alcance, consequentemente, limitando a diversidade literária.

Sabemos que a possibilidade de mudança desses números é um fator que contribui para o desconforto dos autores considerados canônicos ou daqueles que geralmente têm o perfil de homem, branco, rico e heterossexual, diante da presença de homens e mulheres que, em geral, têm um perfil associado a subalternos. Esse desconforto ocorre porque as pessoas não estão acostumadas (ou não aceitam) a ver indivíduos subalternos ocupando espaços considerados privilegiados, ou ainda não aceitam essa perspectiva de mudança.

2.2 As mulheres e a literatura contemporânea

Na literatura, frequentemente temos personagens com papéis importantes representados por homens brancos, heterossexuais e ricos; essas características reforçam as relações de poder, enquanto as mulheres são representadas como mães, donas de casa e servidoras de seus maridos. Isso tem se perpetuado devido à exclusão e silenciamento de grupos minorizados. No entanto, com o avanço dos estudos feministas e a luta de autoras, há uma crescente valorização de mulheres como personagens complexas e protagonistas de suas próprias histórias, o que contribui para subverter os estereótipos de gênero.

Cury, Almeida e Melo (2023, p. 11) apontam que “A literatura produzida por mulheres tem recebido, nas últimas décadas, maior atenção e reconhecimento em nível global”. Essa literatura é um caminho de luta e resistência contra questões políticas, sociais e étnico-raciais. As mulheres, nos últimos anos, cada vez mais tem desafiado a ordem e enfrentado o cânone literário em busca de liberdade e da representação que por muito tempo tem sido negada.

Segundo Schmidt (2000), a exclusão da representação da autoria de mulheres no século XIX foi uma forma de controle social e cultural, principalmente porque trata-se de um período importante para a formação da identidade nacional. Durante esse período, a literatura já era vista como uma ferramenta importante para promover e consolidar a identidade cultural nacional. Desse modo, como uma forma de controlar e manter uma ordem que favorece

apenas os homens, excluir as vozes das mulheres, banalizar suas vivências e marginalizar suas experiências foi o que aconteceu e o que se perpetua até os dias de hoje. Por esse motivo, o trabalho da crítica literária é importante, especialmente uma crítica justa, que reconheça o trabalho dessas mulheres e lhes dê a visibilidade que merecem.

Essa exclusão trouxe a necessidade de lutas feministas por igualdade de gênero, e segundo Silva (2010), as mulheres vêm lutando constantemente por direitos iguais, mas ao mesmo tempo, encontram resistência e limitações devido à persistência das estruturas patriarcais e falocêntricas na sociedade. Isso resulta em um paradoxo entre as “libertarem da ideologia patriarcal” e o “fato de não conseguirem desprender-se das raízes culturais falocêntricas” (Silva, 2010, p. 11-12). Esse paradoxo representa um desafio significativo para a busca da emancipação de mulheres, pois moldaram e continuam a influenciar as normas sociais, os papéis de gênero e as instituições que estruturam a vida das mulheres.

Assim, ainda pensando na necessidade de visibilidade e representatividade, ressalta-se a importância de refletir sobre a escrita contemporânea de mulheres, que têm cada vez mais lutado por espaço e autonomia temática, desafiando as normas que a sociedade, com evidentes resquícios do sistema patriarcal impõe. Nesse sentido, Figueiredo (2020, p. 11) afirma que:

As autoras têm demonstrado cada vez maior liberdade na escrita ficcional de aspectos que envolvem seus corpos, abordando temas como *erotismo*, *gravidez*, *aborto*, *maternidade*, *estrupe*, *incesto*, *relações abusivas*, *menstruação*, *TPM*, *distúrbios alimentares* (anorexia e bulimia), *automutilação*, *prostituição*, *lesbianidade*, *velhice* (grifos nossos).

Parte destas temáticas citadas por Figueiredo são abordadas por Carla Madeira, na obra objeto deste estudo. Em sua narrativa, ela aborda temas que envolvem diretamente as experiências das mulheres e as dinâmicas de poder dentro da sociedade. No romance, Carla Madeira traz personagens com características plurais, oferecendo assim uma visão multifacetada das temáticas e, consequentemente, da experiência humana.

Essa discussão é relevante, uma vez que iremos examinar a literatura produzida por mulheres, que historicamente têm sido marginalizadas e sub-representadas. Ao focarmos na escrita de mulheres, abrimos espaço para vozes que tradicionalmente têm sido silenciadas. Além disso, não só criamos uma visão mais ampla da literatura como um todo, mas também conseguimos adentrar nas experiências e questões específicas das mulheres, que entendemos serem distintas. Afinal, além de serem mulheres, há outras questões, como classe e raça, que influenciam essas vivências. Nesse sentido, analisar como essas vozes minorizadas emergem

e se destacam na contemporaneidade não apenas enriquece nossa compreensão da diversidade literária, como também nos possibilita explorar questões de poder, representatividade e resistência dentro do contexto cultural atual.

Por muito tempo, a história das mulheres não foi contada e, quando foi, não fomos nós que a contamos, mas sim os homens. Assim, a concepção de mulher foi vista sob a perspectiva masculina e até hoje ainda existe essa dificuldade de pensar a mulher fora das ideias sociais e machistas que existem sobre nós. Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*⁶ (2008), discute o questionamento: o que é ser mulher? A autora revela que muitas respostas giram em torno de concepções limitantes, reduzindo a mulher a seu papel reprodutivo ou à sua “feminilidade”, o que reflete construções sociais patriarcais. No entanto, Beauvoir não propõe essas ideias como uma verdade sobre a mulher, mas sim como uma crítica à forma como o mundo masculino a enxerga. Ela aponta que, na sociedade patriarcal, o homem é visto como o essencial, enquanto a mulher é relegada a uma posição de inessencial. Ao afirmar que “O homem é o Sujeito, Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 2008, p. 13), ela explica que “Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que se define como Outro define Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um” (Beauvoir, 2008, p. 14). Ou seja, ao aplicar essa ideia à condição das mulheres, Beauvoir discute que os homens historicamente se colocaram como o “Um” (o padrão, o sujeito universal), enquanto as mulheres foram relegadas ao lugar do “Outro”, algo que não ocorre naturalmente, mas é imposto socialmente, como fruto das relações de poder e hierarquia estabelecidas na sociedade.

2.2 Literatura, mulher e maternidade: uma experiência à parte

Ao falarmos/pensarmos em mulher, é comum associá-la imediatamente à maternidade, afinal, desde cedo, as mulheres são ensinadas a ver a maternidade como um destino inevitável e natural, reforçando a ideia de que seu valor está diretamente ligado à sua capacidade reprodutiva. Como Simone de Beauvoir (2008) aponta, a mulher é frequentemente definida pelo “Outro”, ou seja, pelo homem, e a maternidade se torna mais uma forma de controlar e delimitar o que é ser mulher. Esse papel de mãe é, muitas vezes, visto como uma função inescapável, o que contribui para a perpetuação da visão da mulher como “inessencial”, pois a reduz a uma função biológica, enquanto o homem é livre para ser o “Sujeito” universal.

⁶ Esta obra foi originalmente publicada em francês, sob o título *Le Deuxième Sexe*, em 1949.

É a partir desta perspectiva que entendemos ser de extrema importância não olhar a maternidade como algo natural ou uma obrigatoriedade biológica, pois essa ótica limitada perpetua a ideia de que a mulher está destinada a essa função, o que não é verdade. A maternidade deve ser compreendida como uma escolha, uma experiência subjetiva que vai além do instinto reprodutivo, permitindo que as mulheres tenham autonomia de escolher o papel que deseja exercer na sociedade. Quando a maternidade é vista exclusivamente como uma obrigação biológica, ela se torna mais uma forma de subordinação, reforçando a dependência da mulher em relação ao homem e ideia tradicional de família.

É importante distinguir a mulher da mãe. De acordo com Andrea O'Reilly (2019), em sua obra *Matricentric Feminism: A Feminism for Mothers*⁷

A categoria de mãe é distinta da categoria de mulher: muitos dos problemas que as mães enfrentam a nível social, econômico, político, cultural e psicológico são específicos do seu trabalho e da sua identidade enquanto mães. Por outras palavras, as mães não vivem simplesmente como mulheres, mas como mulheres-mães, tal como as mulheres negras não vivem simplesmente como mulheres, mas como mulheres racializadas (O'Reilly, 2019, p. 20, tradução nossa⁸).

Andrea O'Reilly trabalha a maternidade como uma prática, apontando que a experiência da maternidade traz desafios e questões específicas que vão além de ser simplesmente mulher. O'Reilly argumenta que as mães enfrentam problemas únicos em várias esferas – social, econômica, política, cultural e psicológica – que são diretamente relacionados ao papel e à identidade de serem mães. Ou seja, a identidade de “mãe” traz desafios para além daqueles enfrentados apenas pelo fato de ser mulher.

Quando a mulher se torna mãe, passa a enfrentar desafios ainda maiores do que quando não tinha filhos. Um exemplo disso é a mulher que decide, além de ser mãe, continuar ativa no trabalho, nos estudos ou em outras áreas de sua vida. Isso, muitas vezes, não é bem visto socialmente, pois, apesar das mudanças ao longo do tempo, a mulher ainda é vista como alguém que deve dedicar-se majoritariamente aos cuidados da casa e do marido. Quando um filho entra nessa equação, a cobrança aumenta ainda mais. A mulher passa a ser pressionada não apenas para ser a esposa e cuidadora do lar perfeita, mas também a mãe perfeita. Esse é um dos motivos pelos quais muitas mulheres adiam o projeto de maternidade para outra fase da vida, pois o peso da pressão social sobre a mãe é muito intenso.

⁷ *Feminismo matricêntrico: um feminismo para mães* (tradução nossa)

⁸ The category of mother is distinct from the category of woman: many of the problems mothers face—social, economic, political, cultural, and psychological—are specific to their work and identity as mothers. Mothers, in other words, do not live simply as women but as mother women, just as Black women do not live simply as women but as racialized women. (trecho original)

Vale ressaltar que cada experiência é única e que o peso da maternidade depende muito do contexto em que essa mulher vive. Em alguns casos, por exemplo, mulheres de classes mais altas nem sempre assumem o papel principal de cuidadoras de seus filhos, transferindo essa responsabilidade para babás, que muitas vezes acabam experimentando o peso de exercer a função materna para filhos de outras mulheres. Dessa forma, as mulheres que podem terceirizar parte do cuidado tendem a ter maior liberdade para desenvolver projetos pessoais, sem carregar de forma tão intensa o peso cotidiano da maternidade. Isso não significa, é claro, que elas não sintam o peso social e o estigma associado ao papel de mãe e mulher. No entanto, é importante destacar que as questões de classe e raça influenciam muito nesse contexto, pois é mais comum que mulheres de classes mais pobres e, em muitos casos, mulheres negras, enfrentem esses desafios de forma mais direta.

Segundo Elisabeth Badinter, em *O Conflito: A Mulher e a Mãe* (2011), a maioria das mulheres não consegue imaginar uma vida sem filhos, “mas nem por isso elas estão prontas a sacrificar a independência financeira, a vida social e certo modo de afirmação pessoal” (Badinter, 2011, p. 147). Desse modo, entende-se que, ao se tornarem mães, as mulheres não desejam perder outras dimensões de suas vidas que também são essenciais para sua realização, como a carreira, os laços sociais e a autonomia. A pressão social para que as mulheres assumam plenamente o papel de mães, sacrificando outras partes de suas vidas, reflete um ideal de maternidade tradicional que não condiz com os desejos e necessidades de muitas mulheres na sociedade atual.

Para que as mulheres consigam conciliar a maternidade com a vida pessoal, “[...] elas têm filhos mais tarde e em menor número. Porém, desde o nascimento do primeiro, elas se veem na posição de negociadoras de sua dupla identidade” (Badinter, 2011, p. 158). Essa “negociação” envolve equilibrar o desejo de realizações pessoais com as exigências da maternidade. Para que consigam manter sua autonomia sem abrir mão do papel de mãe, as mulheres acabam por redefinir constantemente suas prioridades e papéis, desafiando a ideia tradicional de que a maternidade deve sobrepor-se a todas as outras esferas de suas vidas.

Um grande tabu social em relação à maternidade é a ideia de que a mulher deve amar o seu filho acima de qualquer outra coisa. É como se esse amor simplesmente nascesse assim que a mulher começa a gerar o feto. Pensar esse amor como algo natural ou biológico seria talvez negar o tão polêmico fato de que a mulher pode não amar seu filho ou, ainda mais, seria negar que existe amor em outros formatos de família em que a maternidade não acontece de forma biológica. Elisabeth Badinter, discute essa ideia em *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno* (2009), quando afirma que o “amor materno” é um sentimento humano e,

como qualquer outro, está sujeito a incertezas, fragilidades e imperfeições, isto é, ela desafia a ideia preconcebida de que esse sentimento seria algo naturalmente enraizado na essência da mulher.

A concepção que se tem sobre maternidade é tão idealizada que os sacrifícios profissionais e pessoais, cansaço físico e emocional, acabam sendo romantizados, pressupondo que a mulher deve atender a todas as necessidades dos filhos com alegria e manter a harmonia familiar. No entanto, essa imagem é perigosa, pois “[...] estabelece modelos maternos inatingíveis, os quais reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e da sociedade sobre as mães” (Mendonça, 2021, p. 62). Essas pressões acabam desconsiderando as dificuldades diárias da vida materna e, consequentemente, a maternidade deixa de ser reconhecida como uma experiência multifacetada e humana, repleta de imperfeições, passando a ser vista como uma performance idealizada e padronizada. Isso pode gerar um sentimento de culpa nas mães, que se sentem incapazes de corresponder ao modelo “perfeito”.

A mulher mãe é vista como aquela que deve ser incansável, amorosa e equilibrada em todas as esferas da vida, o que coloca uma pressão desproporcional e inatingível. Esse peso que a mulher carrega é inegável, principalmente na maternidade. Na maioria dos casos, as mulheres se encontram em uma luta constante: ou estão tentando atingir um modelo de maternidade inalcançável, ou se culpando por não conseguirem se encaixar nesse ideal. Em ambos os casos, o fardo é pesado e solitário.

Em contraponto, em algumas circunstâncias, a maternidade pode ser um ponto de união entre as mulheres, gerando um sentimento de união e apoio entre mulheres, reconhecendo que cada uma é diferente, mas que juntas podem lutar por um mundo mais justo para os seus filhos. A solidariedade despertada nesse contexto vai além de uma simples amizade, pois envolve entender as dificuldades que outras mulheres enfrentam, mesmo que essas experiências não sejam exatamente as mesmas. Até porque as vivências vão mudando de acordo com a classe e a raça às quais essas mulheres pertencem, pois essas categorias influenciam de forma direta suas experiências.

Diante de tudo que vem sendo discutido, devemos pensar sobre as noções de ambivalência, que entendemos como um estado psicológico caracterizado pela presença simultânea de pensamentos, sentimentos e emoções contraditórias. Ou seja, a contradição é algo inerente ao ser humano, uma possibilidade de alternância; o que não caracteriza essa condição como necessariamente boa ou ruim; é simplesmente uma parte de quem somos. O que realmente determina se a ambivalência será algo positivo ou negativo é a forma como

lidamos com ela, ou o que fazemos com nossa possibilidade de escolha. Essa discussão será realizada no tópico seguinte.

2.3 Ambivalência: chave(s) de leitura(s)

Bauman, em seu livro *Modernidade e ambivalência* (1999), entende a ambivalência como “possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar” (Bauman, 1999, p. 9). Assim, para Bauman, a ambivalência acontece quando tem mais de um objeto ou situação, que não são classificados em uma única categoria, o que causa falha na comunicação. Já essa falha acontece devido à indecisão causada pela múltipla possibilidade de escolhas. Quando damos a um objeto mais de uma categoria, trabalhamos com a possibilidade de mudança e alternância sobre esse objeto, o que é algo característico da ambivalência. Essa possibilidade de alternar torna nossa escolha incerta; essa não certeza é o que Bauman chama de “falha na comunicação”, que ocorre porque a comunicação se torna mais complexa e menos precisa quando os objetos ou situações não são claramente definidos em uma única categoria.

O resultado dessa falha na comunicação, causada pela ambivalência, é a instabilidade, uma vez que as pessoas têm dificuldade de entender e lidar com o que é ambivalente. Segundo Bauman (1999, p. 9), “O principal sintoma da desordem é o agudo desconforto que sentimos quando somos incapazes de ler adequadamente a situação e optar entre ações alternativas”. Esse desconforto é o impacto da ambivalência na experiência humana, causando tensões internas devido à necessidade de escolher entre ações alternativas, enquanto simultaneamente enfrentamos a incerteza sobre qual ação seria mais apropriada dadas as circunstâncias ambivalentes.

Bauman (1999) aponta que podemos experimentar a ambivalência como desordem. Segundo ele, esse sentimento de desordem acontece, pois pensamentos ambivalentes cobram ordem e clareza, que é algo difícil de equilibrar quando não conseguimos controlar as consequências de nossas escolhas. O desejo de ordem e controle é algo completamente humano e visível em situações ambivalentes. Bauman (1999) sugere que a ambivalência perturba essa ordem, pois ela dificulta que consigamos controlar nossas incertezas; uma vez que lidamos com a possibilidade de mais de uma escolha contraditória e simultânea sobre o mesmo objeto. Tal situação resulta na não certeza da escolha a esmagadora sensação de perda

de controle, assim como torna a consequência da escolha algo completamente incerto, desestabilizando aquilo que a ordem visa estruturar. Conforme o autor:

Por causa da nossa capacidade de aprender/memorizar, temos um profundo interesse em manter a ordem do mundo. A ambivalência confunde o cálculo dos eventos e a relevância dos padrões de ação memorizados. [...] Nenhum dos padrões aprendidos poderia ser adequado numa situação ambivalente - ou mais de um padrão poderia ser aplicado; seja qual for o caso, o resultado é uma sensação de indecisão, de irresolução e, portanto, de perda de controle. As consequências da ação se tornam imprevisíveis, enquanto o acaso, de que supostamente nos livramos com o esforço estruturador, parece empreender um retorno indesejado (Bauman, 1999, p. 10).

A citação de Bauman (1999) liga a ambivalência às condições humanas, que relacionada a percepção de força/fragilidade, por exemplo, traz a ideia de que somos fortes ao tentarmos estar no controle e manter a ordem. No entanto, essa força é falha diante de nossa incapacidade de controlar as consequências de nossas ações. Deste modo, experimentamos a ambivalência e todos os seus efeitos, que podem ser positivos ou negativos, dependendo de como ela é conduzida, lembrando que a ambivalência se trata de uma multiplicidade de escolhas e possibilidades. Dito em outras palavras, a forma como lidamos com a ambivalência será determinante para o impacto que ela terá em nossa vida.

3 FORÇA/ FRAGILIDADE: “DALVA PODERIA TANTAS COISAS SE PUDESSE. MAS SÓ PÔDE O QUE FEZ”

Para iniciar a análise, retomemos o enredo. No romance *Tudo é Rio* (2014), a autora cria uma narrativa que parece estar ambientada em uma cidadezinha de interior, muito embora na obra não seja especificado em que cidade, data ou tempo em que os determinados eventos ocorrem, criando um cenário interessantemente vago que permite que a história se concentre mais nas experiências e emoções das personagens, aspectos subjetivos, e não no contexto geográfico ou temporal, mais objetivos; o que permite ao leitor imaginar a história se passando em várias épocas e lugares. A narrativa centraliza-se em três personagens principais: Dalva, Venâncio e Lucy. As histórias dessas personagens são apresentadas através de um narrador onisciente, que utiliza a terceira pessoa para oferecer uma visão abrangente e detalhada.

Os capítulos da obra alternam-se em um fluxo temporal que reflete uma anacronia⁹. As histórias de Dalva e Lucy são apresentadas em dois tempos distintos, o que cria uma estrutura narrativa não linear. Essa técnica, conhecida como “analepse”, é usada para relembrar eventos passados que moldaram as personagens e suas motivações e, segundo Franco Junior (2010), esse é um recurso literário que retoma e explora eventos passados na vida das personagens, funcionando como *flashbacks* que aprofundam a compreensão do presente.

Entre as diversas temáticas que poderíamos abordar nesta obra, optamos por focar na análise de personagens, que, de acordo com Franco Junior (2010, p. 38), “é um dos principais elementos constitutivos da narrativa. É sobre ela que recai, normalmente, a maior atenção dispensada pelo leitor, dada a ilusão de semelhança que tal elemento cria com a noção de pessoa”. Nesse sentido, optamos por investigar a personagem Dalva, que é uma das figuras centrais na leitura que estamos realizando da obra. A escolha desta personagem se justifica por sua densidade emocional e psicológica, como veremos. A sua trajetória é marcada por uma profunda ambivalência força/fragilidade, o que possibilita uma análise mais significativa. Além disso, concentrar-se em uma única personagem permite uma análise mais detalhada de sua construção, garantindo que aspectos importantes não sejam deixados de lado.

Vejamos a personagem: Dalva é uma mulher amável e carinhosa, criada em um ambiente de muito amor, proteção por seus pais e o carinho de seus irmãos. Ela sonhava em constituir uma família como a que cresceu, e por um tempo, parecia ter alcançado esse sonho ao se casar com Venâncio. Venâncio é um homem trabalhador e extremamente apaixonado por Dalva, mas carrega consigo as marcas de uma relação conturbada com seu pai. Ele sempre demonstrou ser ciumento, o que é determinante no ponto alto da trama: Venâncio, em um momento de extremo ciúme, perde completamente o controle ao ver Dalva, a mulher que ele considera exclusivamente sua, amamentando o filho recém-nascido. Ver esse ato entre mãe e filho provoca um sentimento doentio em Venâncio e, nesse momento de raiva e desespero, ele arremessa o bebê longe, acreditando que tirou a vida do filho tão desejado por Dalva. No entanto, o bebê sobrevive ao ataque e é secretamente cuidado por Francisca, outra personagem da narrativa, sem que Venâncio ou Dalva saibam inicialmente que a criança sobreviveu.

⁹ Franco Junior (2010) no capítulo “Operadores de leitura da narrativa”, explica que a relação entre a sequência dos eventos na história (diegese) e a forma como esses eventos são apresentados na narrativa (discurso) é fundamental. Normalmente, a ordem dos eventos na diegese não coincide com a ordem em que são apresentados no discurso. Essa discrepância gera anacronias, que são desencontros entre a sequência dos acontecimentos na história e a maneira como são narrados.

O enredo também aborda a vida de Lucy, uma prostituta desejada e determinada, que sabe exatamente o que quer da vida. Ela sempre priorizou suas realizações e seu futuro, até conhecer Venâncio, um homem casado que nunca correspondeu aos seus desejos. No entanto, ela vê em Venâncio um desafio que decide enfrentar e o conquistar. Lucy vê em Dalva uma rival e a culpa por Venâncio, o homem com quem ela sonhava em ter uma família tradicional e tranquila, a ter rejeitado. Esse ódio é descontado em Dalva, embora Dalva não enxergue Lucy como uma rival.

Em meio a essa complexa relação, Lucy engravida de Venâncio e, em um ato de coragem, cuidado e racionalidade, entrega o amado filho à mulher que antes odiava, mas que sabia que cuidaria de seu filho com amor e daria um lar digno, algo que ela acreditava não poder ou simplesmente não queria fazer para não abrir mão de sua vida como prostituta. Essa entrega revela a profundidade dos sentimentos de Lucy, que, apesar de sua rivalidade com Dalva, reconhece nela a capacidade de oferecer amor materno. Ao mesmo tempo, isso revela em Dalva força de amar e cuidar de uma criança fruto da relação extraconjugal de seu marido, este que quase tirou a vida de seu filho biológico.

Uma vez que apresentamos os personagens principais e entendemos como eles se relacionam, vamos iniciar a análise da personagem que é o foco deste estudo: Dalva. Analisaremos seus momentos de força e fragilidade ao longo da narrativa, mostrando como a ambivalência é percebida nesta personagem.

3.1 Dalva: A Força em meio a Fragilidade – “Quem vê de fora faz arranjos melhores, mas é dentro, bem no lugar que a gente não vê, que o não dar conta ocupa tudo.”

Como já mencionado, Dalva é uma das personagens principais da obra *Tudo é Rio*, de Carla Madeira, e *corpus* de análise deste trabalho. Inicialmente, a personagem é apresentada na obra como uma mulher tranquila, equilibrada e dedicada. No entanto, Dalva logo se revela uma figura de grande profundidade emocional, mostrando diversas camadas de sua personalidade, uma vez que as experiências e desafios a transformam em um símbolo de força interior, mas também mostram sua fragilidade, destacando a ambivalência que marca sua jornada.

Dalva é casada com Venâncio, e sua relação com ele é indispensável para o desenrolar da história, pois é a partir daí que a força da personagem se torna mais evidente em meio à sua fragilidade. O relacionamento do casal expõe a vulnerabilidade de Dalva, que sofre profundamente com as ações de Venâncio. No entanto, nesses momentos de maior sofrimento

que ela demonstra sua força, revelando uma resiliência e uma capacidade de suportar as dores e dificuldades impostas pelo ciúme possessivo, assim como pelas atitudes violentas.

Para compreendermos melhor a personagem, e a forma como a ambivalência se manifesta na obra, é importante conhecermos melhor Dalva. Ela era uma moça bonita,

tinha um jeito de andar bom de ver, a cabeça erguida e um balanço suave, com música no passo. O vestido não mostrava nada, mas convidava a imaginar. O corpo era bem-feito. O cabelo tinha ondas atrevidas, [...] Os olhos de jabuticaba eram molhados e grandes, mas quase fechavam quando ela ria. Nessas horas, como quem encontra um ouro no meio das pedras, escondido e precioso, quem via Dalva sorrindo se dava conta do quanto ela era bonita (Madeira, 2023, p. 71).

Dalva foi criada em uma família numerosa, composta por sua mãe, seus seis irmãos e seu pai. Sua mãe, Aurora, “tinha nome de amanhecer” e “iluminava as pessoas, as coisas, as tarefas mais banais” (Madeira, 2023, p. 69). Aurora era paciente e amorosa mesmo tendo “sete filhos. Três homens e quatro meninas” (Madeira, 2023, p. 69). O pai de Dalva, conhecido como seu Antônio, “era mais bravo, mas Aurora sabia abaixar a fervura dele” (Madeira, 2023, p. 70).

Foi durante sua rotina familiar que Dalva, em um dia comum, enquanto levava as empadas feitas por sua mãe até a venda – a mesma tarefa que ela e suas irmãs realizavam diariamente como fonte de renda – acabou se apaixonando por Venâncio. A descoberta desse novo sentimento trouxe consigo uma onda de emoções conflitantes, que Dalva nunca havia experimentado antes:

O que deu nela? Por mais que tentasse preparar o dia seguinte, ensaiando pequenas falas, antecipando o jeito de se comportar, a ansiedade tomou conta. Nunca tinha sentido aquilo, *uma vontade de correr nas duas direções, a que junta e a que separa*. Ficou imóvel, nem cantar cantou naquela noite. Se entregou amolecida à turbulência que desandou dentro dela. Só fazia lembrar. Acordou diferente, já querendo sentir o cheiro das empadas (Madeira, 2023, p. 81, grifos nossos).

A insegurança de Dalva, junto com seu desejo de controlar todos os aspectos de sua vida, revela uma ambivalência intensa, que é ilustrada pela “vontade de correr nas duas direções, a que junta e a que separa”, uma metáfora que diz muito sobre as sensações contraditórias que ela vive.

Dalva, em um momento de força e determinação, saiu de casa decidida a confessar seus sentimentos por Venâncio, “reclamar a ausência de Venâncio por alguns segundos pareceu fazer dela uma garota muito interessante” (Madeira, 2023, p. 83). Mesmo de maneira

sutil, esse é um momento de transgressão para Dalva, pois, na obra, fica claro o quanto a busca de “moças” pela companhia de um homem é algo “mal visto” pela sociedade em que vivia. No entanto, essa mesma passagem que analisamos como força pode também significar fragilidade, pois essa atitude pode ter sido tomada em um momento de vulnerabilidade, uma vez que seu desejo de ver Venâncio superou sua racionalidade, pois foi “a conta de pôr o pé na rua para a confiança evaporar. Começou a se sentir um pouco oferecida e, quando chegou em casa, acabou de se arrepender, queria cair morta de vergonha” (Madeira, 2023, p. 83).

Essa passagem da obra exemplifica como a ambivalência se manifesta na vida de Dalva, criando uma tensão constante entre o desejo de impor o que sente e o medo do julgamento, tanto próprio quanto social: “Começou a se sentir um pouco oferecida”, algo que é comum à mulher – a vontade de transgredir a ordem social que por tanto tempo foi e é imposta a nós mulheres, juntamente com o medo e a culpa do julgamento social, que é uma herança negativa do patriarcado.

Silva (2010) discute a questão da ambivalência em sua obra *Mulheres Representadas na Literatura de Autoria Feminina: Vozes de Permanência e Poética da Agressão*. Em sua discussão, aponta que:

[...] cremos haver uma espécie de paradoxo nas formas de dizer e de viver das mulheres inseridas em sociedades que as interpretam nesta base hierárquica. Este paradoxo se torna perceptível quando lemos os textos de ficção e neles presenciamos a agonia das mulheres que primeiramente se julgam libertadas da servidão à ordem de base falocêntrica e, depois de uma longa caminhada em busca de um encontro consigo mesmas, refletindo criticamente a sua condição no imaginário social em que vivem, sentem, no campo afetivo-sexual, a obrigatória necessidade de retornar ao jugo em que estavam: não porque seja impossível experienciar a liberdade, de querer a emancipação, mas tão-somente porque, fora da Ordem, percebem que não há alicerce em cimento, não há interpretação positiva. [...] Há um paradoxo no comportamento das mulheres escritoras: suas personagens não são alocadas em contextos que propiciam autonomia ou tratamento igualitário entre os sexos. Pelo contrário, fazem o pensamento feminino evoluir, mas não se libertam da Ordem do Pai (Silva, 2010, p. 69).

Dessa forma, podemos dizer que a experiência de Dalva é também uma representação vivida da ambivalência, um estado em que as certezas são passageiras e as emoções contraditórias coexistem. Isso cria um cenário em que a escolha e a ação se tornam complicadas e carregadas de incertezas, demonstrando a influência social sobre o comportamento das mulheres.

Além disso, as palavras de Silva (2010) nos fazem refletir sobre a dinâmica social em que personagens mulheres estão: suas ações e pensamentos desafiam as normas tradicionais, mas ainda assim, permanecem dentro dos limites da “Ordem do Pai”, como descreve. Podemos dizer que Dalva é exemplo como as normas sociais e culturais influenciam o comportamento das mulheres, pois ainda que tente desafiar essas normas, as mulheres, mesmo de maneira inconsciente, voltam a se conformar com essa ordem devido à força dessas influências. A literatura de autoria de mulheres, como discutido por Silva, oferece uma lente crítica a essas dinâmicas.

Ao pensarmos na ambivalência, podemos observar essa característica representada na literatura. No caso de Dalva, embora ela sempre tenha sido ambivalente, isso tornou-se mais visível após seu casamento com Venâncio, momento em que ela teve que lidar mais intensamente com seus sentimentos, alternando entre eles e fazendo escolhas que poderiam ser lidas como contraditórias.

Dalva apaixonada foi pedida em casamento por Venâncio, e conhecendo o amor que tinham um pelo outro logo aceitou. Então, “Venâncio e Dalva casaram apaixonados. Perdidamente. Quem via os dois pedia a Deus uma sorte igual” (Madeira, 2023, p.19). Ela viveu tranquilamente e realizada em seu tão sonhado casamento até engravidar, no entanto, “Venâncio, quando viu a barriga de Dalva crescer, foi vendo crescer nele um ciúme doentio” (Madeira, 2023, p. 20). Para Venâncio, o filho foi como uma ameaça ao seu casamento, alguém que desviaria o amor e a atenção de sua mulher. Essa perspectiva revela uma visão profundamente enraizada na mentalidade patriarcal e machista, na qual Venâncio se considera o centro do mundo de Dalva e do relacionamento. Ele não aceita que a atenção dela, que acredita ser exclusivamente dele, seja dividida com outra pessoa. Isso reflete a insegurança de um modelo de masculinidade que não lida bem com a ideia de compartilhar o amor e o cuidado da parceira nem com o filho.

O filho é percebido como uma ameaça por Venâncio, pois é comum que algumas mulheres, especialmente nos primeiros anos de vida da criança, priorizam o cuidado dos filhos acima da relação conjugal. Esse desvio de atenção pode gerar sentimentos de exclusão e insegurança no parceiro, que se vê deslocado para segundo plano. Evidentemente, estamos nos referindo aos homens presos no modelo de masculinidade que os colocam no centro de todas as ações da mulher.

Essa dinâmica familiar, na qual a criança se torna o centro das atenções, é uma realidade que pode afetar profundamente a intimidade e a conexão entre o casal. Como afirma Badinter (2011, p. 144), “a criança não favorece a vida amorosa. O cansaço, a falta de sono e

de intimidade, os constrangimentos e os sacrifícios que a presença de uma criança impõe podem amolecer a relação de um casal”. Em alguns casos, essa perspectiva vai ser verdadeira para as mulheres, que foram ensinadas a colocar o bem-estar de sua criança em primeiro lugar, deixando as demais necessidades do casal em segundo plano. Claro que existem casos em que a criança pode não ser desejada ou não ser priorizada, o que é comum. Mas, não é o caso de Dalva, pois fica claro que ela coloca o filho como prioridade na passagem: “Dalva já queria aquele filho mais do que qualquer outra coisa. Pensava nele, falava dele, entregava as mãos à barriga e dela não se afastava. [...] Passou a evitar Venâncio com medo de machucar o bebê, olhava mais para o espelho do que para os olhos dele [...]” (Madeira, 2023, p.20).

Conforme mencionado, Dalva, ao dar à luz seu filho, enfrentou a raiva de Venâncio que arranca brutalmente o bebê dela e o arremessa longe. Foi nesse mesmo dia que, pela primeira vez, Dalva também foi espancada pelo marido. E após esse ato de extrema violência, Dalva mergulha em uma profunda onda de luto e tristeza. Madeira (2023) descreve esse momento:

Nas primeiras semanas, Dalva não comia, não bebia, não acendia a luz, morria um pouco a cada dia. Se levantou depois de uma longa visita de luto da mãe, saiu de casa sem deixar pistas e, para desespero de Venâncio, só voltou ao entardecer do dia seguinte. Desse dia em diante, passou a sair todas as manhãs (Madeira, 2023, p. 25).

Ao final da narrativa, o leitor descobre que, logo após a saída de Dalva, ela recebe a notícia de que seu filho não havia morrido e que Francisca, uma velha amiga de Aurora, mãe de Dalva, havia cuidado dele durante essas semanas. Essa revelação vai acontecer ao final da obra. A personagem Dalva, que havia experimentado o desespero da dor, encontrou em sua fragilidade a força para lutar por aquele filho. E quando ela percebeu o arrependimento de Venâncio, a reação dela foi de indiferença absoluta:

Dalva parou de falar com Venâncio. Não olhou mais para ele, considerou que ele não estava mais vivo, ignorou sua presença. Nenhuma reação. Nem quando ele chorou, quando ficou sem comer, quando parou de se lavar, nem quando ameaçou morrer, nem quando mandou valente, cuspiu na cara dela, sugigou prometendo uma nova surra, jurando morte, morrendo esmagado pelo que não podia ser desfeito. Nada. Ele suplicou sincero, desamparado, e ela nem um olhar, nenhum perdão possível (Madeira, 2023, p. 25).

Dalva, embora pudesse simplesmente ter levado o filho para casa, aliviando assim o próprio sofrimento e o de Venâncio, foi forte o suficiente para reconhecer que ele já havia sido

violento antes. Um exemplo disso foi o episódio em que Venâncio agrediu Bambu, amigo de Dalva e da família. Quando ainda eram namorados, no dia do aniversário dela, Venâncio interpretou como uma ameaça um gesto de carinho de Bambu, que deu um abraço e um buquê de flores a Dalva. Tomado pelo ciúme, ele reagiu violentamente, espancando Bambu. Diante desse histórico, Dalva compreendeu que nada impediria Venâncio de ser violento novamente.

A fragilidade de Dalva, manifestada em sua tristeza e dor, contrasta com a força que ela encontra para resistir ao perdão fácil e proteger seu filho. Essa força vem do reconhecimento da ameaça que Venâncio representa, e sua decisão de não ceder ao arrependimento dele é uma prova de sua determinação em colocar o bem-estar e integridade de seu filho mais uma vez acima de qualquer outra coisa.

Dalva, ao entrar em contato pela primeira vez o lado violento de seu marido, quando ainda era jovem e antes do casamento, não aceitou o comportamento de Venâncio ao espancar Bambu, mesmo nutrindo por ele um amor enorme. Logo após a agressão, Dalva expressou sua insatisfação e frustração:

Dalva começou a chorar alto repetindo insistente: Venâncio, você tá louco? Você tá louco? Louco? Levaram Bambu para dentro enquanto Dalva, andando de um lado para o outro, recitava incrédula, chicoteando o ar: Lou-co, você ficou lou-co. [...] Vai embora. Dalva, me escuta, eu vi... Vai em-bo-ra agora! Ago-ra. Ela virou as costas e entrou (Madeira, 2023, p. 97).

Ao reconhecer que o comportamento de Venâncio era errado, Dalva teve a coragem de mandá-lo embora, demonstrando seu senso de justiça ao apoiar o amigo agredido. No entanto, ela se vê dividida entre punir Venâncio e defendê-lo, evidenciando mais uma vez sua ambivalência: “Dalva, mesmo tendo sido a primeira a se revoltar, não queria ouvir os irmãos condenando Venâncio daquele jeito. Era como se esse direito fosse só dela, como se, em meio a toda a raiva, sobrasse espaço para querer protegê-lo” (Madeira, 2023, p. 98).

Essa contradição, entendida no contexto da análise do texto como força/fragilidade de Dalva, revela os dois lados de suas emoções. De um lado, ela se mostra forte e determinada ao confrontar Venâncio, exigindo que ele se afaste. Por outro lado, sua fragilidade emocional ganha espaço quando sente a necessidade de proteger Venâncio das críticas de seus irmãos, mostrando que, apesar da raiva e da desaprovação, ainda há espaço para um resquício de amor e fidelidade.

Venâncio, após a situação tensa que enfrentava com Dalva e sua família, pede a Dalva em casamento. Este gesto de Venâncio, acabou desviando a atenção das questões mais sérias que estavam acontecendo. Dalva, realizada com aquele pedido, acaba por se levar por suas

emoções e deixar de lado o que Venâncio havia feito: “No meio da festa, bateram na porta. Segundos depois, Dalva recebia uma caixinha de madeira e um cartão. Reconheceu na hora as mãos habilidosas de Venâncio. Dentro, um anel de noivado. Estava sendo pedida em casamento. O esquecimento começava a jogar o seu manto” (Madeira, 2023, p. 99).

O pedido de casamento pode ser visto como um ato de amor, no entanto, funcionou também como uma forma de manipular as emoções de Dalva. A surpresa do momento, a presença de um anel de noivado, e a ideia de um futuro juntos encobre os conflitos e a violência que haviam ocorrido. O “manto do esquecimento” simboliza esse momento em que Dalva começa a esquecer a falha de Venâncio. Nesse contexto, Dalva não minimiza as falhas de seu noivo por escolha própria, mas acaba sendo vítima dessa manipulação emocional, reconsiderando suas ações em um novo contexto positivo que distorce a realidade de sua relação.

Esse comportamento é um reflexo das expectativas sociais que cercam o casamento. Pinsky e Pedro (2013), em *Nova História das Mulheres no Brasil*, exploram como o casamento tem evoluído ao longo dos séculos XX e XXI, destacando as transformações significativas que ocorreram e continuam a ocorrer com a passagem do tempo. Elas apontam que, embora muitas mudanças tenham surgido, ainda existem aspectos que permanecem inalterados, entre eles, podemos destacar a ideia de que socialmente o casamento e a maternidade são considerados as maiores realizações da mulher, pois historicamente, o sacramento significava moralidade e segurança social. Essa perspectiva tradicional ainda permeia o imaginário coletivo e é, muitas vezes, refletida em personagens da literatura contemporânea.

Silva (2010), em obra já mencionada, reforça essa visão ao afirmar: “A crítica maior, [...], se concentra na tradicional ideia do casamento e na sua forma arcaica de existir, de aprisionar o outro nessa relação que ainda se mantém no imaginário de muitas personagens da literatura hoje, como corolário da vida da mulher [...]” (Silva, 2010, p. 187). Este comentário ressalta a forma como o casamento ainda pode ser percebido como uma estrutura que continua a limitar a emancipação das mulheres.

Dalva, ao deixar cair no esquecimento as ações de Venâncio após o pedido de casamento, exemplifica essa ambivalência força/fragilidade, entre a busca por autonomia e a retomada às normas sociais. O casamento, nesse contexto, é tanto um símbolo de atingir o tão sonhado *status* quanto uma armadilha emocional. Ele representa a dualidade de emoções que muitas mulheres enfrentam, em que o desejo de pertencimento e segurança vai de encontro com a necessidade de autoafirmação.

Na obra, Dalva encontra-se em uma situação de intenso conflito interno após ter sido violentada por Venâncio. Diante de tantas dores e traumas, ela possui inúmeras possibilidades de como seguir com sua vida, mas escolhe permanecer em uma situação que, inicialmente, pode parecer desesperadora. Essa escolha revela, mais uma vez, a ambivalência entre força/fragilidade, explorada de forma vívida na seguinte passagem:

Dalva poderia ter ido embora, ido viver com a família. Lá a música faria ela renascer aos poucos. Lá viveria de novo com Túlio, Elis, Elza, Euclides, Mateus e Isadora, e o amor seria a parte mais banal dos dias. Poderia ter denunciado a violência de Venâncio, feito ele ir pagar na cadeia, espalhado sua crueldade em toda a cidade, confessado ao padre o imperdoável, recebendo absolvição para odiar. Poderia ter contado tudo para Aurora e ter dela as palavras certas, o colo amoroso. Poderia ter encontrado um novo amor, ter tido outro filho e com ele nos braços passar em frente aos Alves desfilando sua volta por cima. Poderia ter mudado de rua e nunca mais ter caminhado no passeio das putas. Poderia não ter cicatrizes nos dedos. Poderia ter se vingado. Ter perdoado. Dalva poderia tantas coisas se pudesse. Mas só pôde o que fez. Quem vê de fora faz arranjos melhores, mas é dentro, bem no lugar que a gente não vê, que o não dar conta ocupa tudo. Dalva ficou, mastigou aquela dor e se alimentou dela. Não podia deixar de lembrar a Venâncio, todos os dias, todas as noites, todas as estações do ano, que ele havia morrido para ela quando matou o amor deles. Nenhuma palavra, nenhum olhar, nenhuma migalha. Era no desespero dele de não ter mais nada dela que Dalva encontrava forças para sofrer. E sofrer era a única vida possível diante do que tinha perdido (Madeira, 2023, p. 133 - 134).

A ambivalência força/fragilidade na personagem Dalva pode ser observada de maneira profunda e complexa a partir do trecho citado. Inicialmente, observemos a palavra “poder”, entendendo-a em dois sentidos: como substantivo, que remete à ideia de autoridade e controle sobre a própria vida, e como verbo, que sugere possibilidades de caminhos alternativos. No trecho em questão, “poder” como substantivo nos leva a refletir sobre a autoridade que a personagem exerce, ou deixa de exercer sobre suas próprias escolhas. Embora ela tenha a capacidade e a oportunidade de agir, não faz, o que revela a falta de autoridade/controle sobre sua própria vida. Essa limitação pode ser resultado de pressões sociais ou de relações abusivas, que restringem seu controle e a fazem sentir-se incapaz de tomar decisões que mudariam seu destino.

Já como verbo, “poder” expressa os possíveis desdobramentos que a personagem teve para aliviar seu sofrimento: “poderia ter ido embora”, “ido viver com a família”, “Poderia ter denunciado a violência de Venâncio”, “confessado ao padre”, “Poderia ter contado tudo para Aurora”, “Poderia ter encontrado um novo amor, ter tido outro filho”, “Poderia ter mudado de rua”, “Poderia ter se vingado”, “Ter perdoado”. Cada uma dessas possibilidades pode

representar uma forma de força, uma tentativa de mudança e de como ela poderia transformar sua vida. No entanto, “Dalva poderia tantas coisas se pudesse. Mas só pôde o que fez”, nos remetendo a ideia de que a verdadeira dificuldade está em tomar essas escolhas. Ou melhor, na não certeza de que decisão tomar. Neste caso, a incerteza sobre qual caminho escolher gera uma sensação de perda de controle (o que dialoga diretamente com o poder, já que mesmo ela podendo, não fez) e de incapacidade para transformar suas intenções em ações concretas. Por mais que as possibilidades sejam muitas, a ambivalência dificulta a decisão.

Por mais que a escolha de Dalva em permanecer pareça uma fragilidade, essa decisão é uma maneira de lidar com a dor de uma forma que ela consegue suportar. Afinal, “Dalva ficou, mastigou aquela dor e se alimentou dela”, ou seja, fez de sua dor a sua força. E não só isso, permanecer ao lado de Venâncio enquanto estão separados é uma forma de voltar a puni-lo todos os dias pelas agressões, mesmo que isso gerasse uma punição para si própria: “Não podia deixar de lembrar a Venâncio, todos os dias, todas as noites, todas as estações do ano, que ele havia morrido para ela quando matou o amor deles”.

Ainda no que se refere à ambivalência força/fragilidade, é importante deixar cada vez mais claro como a maternidade atua de forma central na formação da personagem Dalva. Ao receber o filho de Venâncio com a prostituta Lucy, Dalva revela ainda mais a complexidade da maternidade em sua vida, conforme vemos:

Quando pisou na varanda, concentrada em ganhar a rua, encontrou sobre a cadeira de ferro uma cesta forrada com uma cambraia branca. Bordados em diferentes tons de azul, pequenos galhos de folhas cercavam delicados o nome João. Dentro, enrolado em uma manta, dormia sereno um bebê. Dalva bambeou as pernas, custou a se aproximar. [...] O cheiro do bebê invadiu seu coração como uma química perigosa, viciante. As lágrimas vieram. Tudo ao redor do menino exalava carinho. Sua chegada foi preparada por um coração dedicado. Ao lado da cadeira, no chão, uma sacola com um pequeno enxoval. O que acontecia naquela manhã de outono não era um abandono, era uma entrega. Dalva não teve dúvidas, o filho era de Lucy e de Venâncio (Madeira, 2023, p. 170).

Dalva, ao se deparar com o bebê, experimenta uma mistura de emoções contraditórias. Por um lado, sua fragilidade é perceptível em sua reação física e emocional, pois “Dalva bambeou as pernas,” e “As lágrimas vieram”. Esses detalhes revelam o impacto profundo que o momento tem sobre ela, destacando sua vulnerabilidade diante da situação. No entanto, Dalva demonstra sua força ao não permitir que suas diferenças com Lucy, nem a mágoa que sente por Venâncio, sejam transferidas para o bebê.

Dalva demonstra sua força em um ato de empatia e solidariedade ao reconhecer que “O que acontecia naquela manhã de outono não era um abandono, era uma entrega”. Esse gesto de acolher o bebê, mesmo sabendo que é filho de Venâncio com outra, revela sua força interna, sua capacidade de amar e cuidar, independente das circunstâncias adversas. No entanto, embora Dalva mostre força ao acolher o bebê, não podemos romantizar o sacrifício da mulher. Sua atitude pode ser vista como força, mas isso não significa que toda mulher deve agir assim em situações semelhantes. Nem sempre acolher, perdoar ou cuidar diante de adversidades é a única forma válida de força. É essencial lembrar que cada mulher tem o direito de escolher o que é melhor para si, sem que suas ações sejam idealizadas ou esperadas como um modelo a ser seguido.

Inicialmente, a atitude de Dalva ao receber o filho de Lucy pode ser interpretada como uma forma de compensar a perda de seu próprio filho biológico, que o leitor, nesse momento da narrativa, acredita estar morto. Entretanto, à medida que a história avança, revela-se que o filho de Dalva não morreu. Assim, a decisão de acolher a criança de Lucy não pode ser vista como desejo egoísta de suprir a perda do filho. Mesmo diante da demonstração de amor materno da personagem, é importante evitar a generalização do conceito de “instinto materno” ao interpretar essa atitude. A ação de Dalva não deve ser vista como algo natural ou instintivo, simplesmente porque ela é mulher, pois a ligação que ela sente com a criança não decorre de seu gênero, mas sim de sua personalidade e de sua afinidade com a maternidade, que a personagem já havia demonstrado ao longo da narrativa.

Mendonça (2021), ao traduzir os dez ditames da maternidade normativa de O'Reilly, em *Maternidade e Maternagem: Os assuntos pendentes do feminismo*, destaca os perigos associados à ideia de que a maternidade é um instinto natural e inerente a todas as mulheres:

A naturalização pressupõe que a maternidade seja natural para as mulheres, inferindo que todas nós, mulheres, já nascemos sabendo como maternar “naturalmente”. Isto reforça o entendimento da maternagem como um trabalho guiado por “instintos” e “hábitos”, que não exige o uso da inteligência nem o aprimoramento de diversas habilidades e qualificações. A biologização enfatiza laços sanguíneos, posicionando a mãe biológica como a mãe autêntica e “real”. A normalização limita e restringe as identidades e práticas maternas ao modelo específico da família nuclear, no qual a mãe é a esposa e principal cuidadora dos filhos(as), enquanto seu marido encarna o papel de provedor econômico (Mendonça, 2021, p. 62).

Assim como afirma Mendonça (2021), ao naturalizar a maternidade, absorve-se a ideia que as mulheres já nascem com o conhecimento e as habilidades necessárias para cuidar dos

filhos, minimizando a importância e dificuldades do aprendizado e do desenvolvimento dessa prática. Além disso, a ideia de que ser mãe é algo biológico foca nos laços sanguíneos, considerando a mãe biológica como a única verdadeira, o que exclui outras formas de maternidade, como a adoção que seria mais próximo do caso da personagem Dalva. Por sua vez, a naturalização da maternidade limita o papel das mulheres ao de esposas e principais cuidadoras dentro de uma família tradicional, enquanto o homem assume o papel de provedor econômico. Essas ideias acabam por reforçar estereótipos e restringem outras formas de exercer a maternidade.

A maternidade de Dalva revela ainda mais sobre sua ambivalência:

Nove meses vendo a própria barriga crescer, um pouquinho a cada dia, ajuda muito o bebê a encontrar uma mãe esperando por ele, apavorada muitas vezes, mas pelo menos com um estoque de leite no peito. Não era o que acontecia ali. João entrou na vida dela e a despensa estava vazia. [...] Todas as frases gritavam na sua cabeça, ataques e defesas, coragem e medo, alegria e angústia, todas falando ao mesmo tempo, querendo ter razão. E se Lucy se arrependesse? E se fosse buscar o menino no final do dia? Precisava ter calma, não podia querer demais. Mas já era tarde (Madeira, 2023, p. 171).

Nesta citação, a fragilidade de Dalva se manifesta claramente em sua sensação de despreparo e insegurança ao receber o bebê João. A ideia da “despensa vazia” pode ser entendida como um vazio emocional, refletindo sua incerteza sobre sua capacidade de cuidar do bebê. Suas emoções contraditórias tornam-se ainda mais visíveis na passagem em que ela expressa: “Todas as frases gritavam na sua cabeça, ataques e defesas, coragem e medo, alegria e angústia, todas falando ao mesmo tempo, querendo ter razão”. Contudo, mesmo diante do caos emocional, Dalva demonstra força e racionalidade ao reconhecer que “Precisava ter calma”.

O sentimento de ambivalência que Dalva experimenta ao tornar-se mãe dessa criança é totalmente compreensível, considerando que maternar é uma tarefa árdua. Como descrito por Mendonça (2021, p. 57), “Durante o primeiro ano de vida das crianças, a amamentação e os demais cuidados de maternagem preenchem o dia a dia das mães, de modo que elas se queixam do cansaço físico e do estresse psíquico e emocional”. Isso pode ser especialmente difícil de processar para Dalva, que claramente foi surpreendida pela chegada do bebê: “Nove meses vendo a própria barriga crescer, um pouquinho a cada dia, ajuda muito o bebê a encontrar uma mãe esperando por ele [...] Não era o que acontecia ali”. Outro fator que contribui para essa ambivalência é a pressão social que as mulheres enfrentam para seguirem modelos tradicionais de “boas mães”. Como também apontado por Mendonça (2014) *apud*

Mendonça (2021, p. 58), “O desejo de serem socialmente vistas como ‘boas mães’ contrasta-se com os sentimentos de ambivalência materna, ansiedade e culpa, entre as mulheres entrevistadas”.

Dalva, em diversos momentos da narrativa, experimenta a ambivalência força/fragilidade atreladas à maternidade, um desses momentos aparece quando:

Dalva acendeu a luz, as pernas bambearam. Não acreditou no que viu: no canto do quarto, um berço de madeira. Reconheceu as mãos de Venâncio. [...] Dalva chorou de perder o fôlego, não estava preparada para sentir o que sentiu. Como ele se atrevia a fazer isso? Como ousava amansar seu coração, lançar aquele afeto sobre ela, suavizar suas mágoas, deixando em neblinas o passado? Com que direito ele fazia ela enxergar o que já tinha amado nele? Como ele pôde dar uma forma tão linda ao amor de pai se deveria ser capaz apenas de sofrer, sofrer e sofrer, depois de tudo o que tinha feito com eles? Dalva já não podia mais tirar o berço de João, nem dela mesma. Estava vulnerável. Um pedaço de pão no leite. Amolecia (Madeira, 2023, p. 185-186).

A citação revela de forma intensa a ambivalência entre força e fragilidade na personagem. Sua reação ao ver o berço de madeira, feito pelas mãos de Venâncio, mostra seus sentimentos contraditórios de maneira marcante. Primeiro, a força de Dalva se mostra em sua tentativa de manter seu posicionamento em relação ao marido e na raiva que sente ao perceber a tentativa dele de suavizar suas mágoas.

No entanto, essa força se transforma em fragilidade quando Dalva percebe que o gesto de Venâncio a toca profundamente. O choro descontrolado, que a faz “perder o fôlego”, mostra o quanto ela está sobrecarregada para lidar com as emoções que reaparecem ao confrontar o amor que ainda sente por ele. Esse choro, além de revelar sua fragilidade, também pode ser interpretado como uma forma de lidar com suas emoções, uma válvula de escape para a dor e o conflito interno que ela carrega. Sendo assim, o choro pode se tornar uma expressão de força, evidenciando mais uma vez a ambivalência da personagem. Através da metáfora “um pedaço de pão no leite” podemos perceber sua vulnerabilidade crescer à medida que suas defesas se desfazem diante da demonstração de carinho de Venâncio.

Dessa forma, a protagonista se encontra em uma posição de profunda ambivalência: por um lado, deseja manter sua força e proteger-se da dor e proteger seu filho João do possível risco que Venâncio poderia representar; por outro, é incapaz de resistir à demonstração do amor paterno. Ela está “amolecida” e emocionalmente frágil, demonstrando que, mesmo em meio a tentativa de manter a firmeza, sua fragilidade surge diante da memória e do amor que Venâncio traz de volta.

Essa ambivalência da personagem reflete o que Silva (2010) discute sobre as personagens ao analisar Luiza, da obra *Histórias da Mulher do Fim do Século* (1997), de Ivana Arruda Leite, afirmando:

[...] as personagens, para não serem submetidas a condição de sozinhas, separadas, solteiras, recusam a solidão mesmo que para terem uma companhia subjugam-se ao discurso falocêntrico, ao mesmo tempo em que paradoxalmente parecem subvertendo - seja para manter as aparências seja para negociar outras regras nessa relação ou mesmo para se vingar dos maridos/amantes, ou quiçá, porque ainda os amam (Silva, 2010, p. 198-199).

Deste modo, ao analisarmos a narrativa de Madeira, podemos perceber que Dalva, mesmo lutando contra seus sentimentos e tentando resistir à influência de Venâncio, ainda se vê envolvida nessa ambivalência entre força e fragilidade. Como aponta Silva, em sua análise, a ambivalência se manifesta na mistura entre resistência e submissão emocional, o que corrobora a análise de Dalva como uma personagem complexa e multifacetada.

Venâncio, aos poucos, vai tornando-se mais presente na vida de Dalva e do bebê. E gradualmente, Dalva demonstra sua fragilidade ao permitir que as atitudes de Venâncio manipulem suas emoções, assim como aconteceu após agredir Bambu. Vamos ver no trecho:

Venâncio [...] Todos os dias marcava sua presença. Deixava um agrado ou outro na mesa e um bilhete para João como se ele soubesse ler: Tenha um bom dia, meu filho. Cuide de sua mãe. Acordava cedo, lavava as mamadeiras, comprava fraldas, espalhava brinquedos no berço, na cama, no sofá. Enchia a casa de bolas, chocalhos, cavalinhos, carros de madeira feitos por ele. *Dalva começou a esperar por cada movimento, cada surpresa; aos poucos foi esquecendo de trancar a porta, aos poucos foi deixando que ela ficasse aberta antes de entrar no banho. Esquecia silenciosa uma fresta entre o banheiro e o quarto e espiava Venâncio com João. Se emocionava com o que um fazia pelo outro. Dividida, tentava algum acordo dentro dela* (Madeira, 2023, p.186, grifos nossos).

Venâncio, com suas ações carinhosas, vai envolvendo Dalva aos poucos, tornando-a cada vez menos resistente. Gradualmente, sua fragilidade começa a prevalecer, permitindo que ele volte a ocupar um espaço emocional em sua vida. A imagem de Dalva esquecendo “de trancar a porta, aos poucos [...] deixando que ela ficasse aberta antes de entrar no banho” demonstra que ela está aberta a essa crescente vulnerabilidade. Ou seja, Dalva pode estar vulnerável, sim, mas essa vulnerabilidade é uma escolha. Ela, que antes era cuidadosa e defensiva, começa a ceder à presença de Venâncio, permitindo que o homem que anteriormente causou tanto sofrimento volte a ter um papel relevante em sua vida. Dalva, que por muito tempo resistiu, acaba sucumbindo à necessidade de carinho e à presença de um pai,

ou melhor, à necessidade de uma família “completa”, retornando assim aos padrões tradicionais. Isso é reafirmado quando, no final da obra, ela traz de volta o filho que Venâncio acreditava ter matado.

Silva (2010) discute essa dinâmica vivida por personagens como Dalva:

Essas mulheres vivem no jogo binário do ter que adquirir a autonomia financeira, liberação do corpo escravizado pelo homem, racionalização dos sentimentos, quando, por outro lado - o lado mais penoso das regras -, admitem o retorno à Ordem, mas a consciência de que lá, quando já organizadas mesmo sob um olhar que as reprimia, que as reduzir à insignificância ou objeto de pouco valor, eram felizes, porque se completavam, porque os homens que as amavam eram delas. O sair da ordem, o emancipar-se ou racionalizar da relação a dois torna o sujeito mulher forte e viável para a época em que vive ou é representada, porque ela é interpretada numa lógica simétrica ou de tratamento igual; por outro lado essa lógica torna a mulher um sujeito fragilizado, porque elas ainda não conseguiram desenvolver um mecanismo psíquico capaz o suficiente de viver sem a culpa pelo amor acabado, pelo amor abandonado, pela rejeição do homem que as marca diretamente na alma (Silva, 2010, p. 198-199).

O que diz Silva complementa o que discutimos sobre a ambivalência de Dalva, pois ele destaca o conflito interno que muitas mulheres enfrentam ao tentar equilibrar a busca por autonomia e o retorno à ordem tradicional que, segundo ele, de forma paradoxal pode trazer uma sensação de completude. A protagonista, ao longo da narrativa, vive essa tensão descrita por Silva: de um lado, ela busca se emancipar emocionalmente de Venâncio, resistindo à sua presença e tentando preservar sua autonomia emocional. No entanto, à medida que Venâncio vai lentamente ocupando novamente um espaço em sua vida, Dalva começa a ceder; e isso, mesmo vindo acompanhado de submissão a padrões tradicionais, lhe oferece um tipo de felicidade.

Ainda explorando o tema da maternidade, encontramos um momento altamente significativo na obra de Carla Madeira: quando as personagens principais, Dalva e Lucy, reconhecem mutuamente a maternidade sobre a mesma criança. Este trecho é crucial para a narrativa, pois simboliza a complexa rede de vínculos estabelecida entre as mulheres protagonistas

Dalva [...] se arrumou, soltou o cabelo, pôs um vestido antigo de primavera. [...] *Naquele dia, esqueceu em algum lugar as toneladas do mundo que carregava nos ombros. Começava a se despedir de seu casulo cinza. Suas asas já tinham cor e forma e rompiam a casca que acolheu por anos a sua morte se engravidando de uma nova vida. Ainda não era, mas seria uma borboleta.* Pegou o caminho de sempre. Se alguém observasse, veria que a intenção não era passar pela Casa de Manu, era parar. Foi o que ela fez. Só Doralda se esticava no

alpendre [...] Assustou quando viu Dalva e João parados olhando. Levantou depressa e solícita atendeu ao que Dalva pedia: Você pode chamar Lucy, por favor? Lucy entrou no alpendre levando com ela seu jeito barulhento. Os cabelos desorganizados denunciavam que acabara de acordar. Uma camisola branca deixava ver a beleza de seus seios, a transparência das formas das pernas, a sombra do umbigo e dos pelos. Estava nua. [...] Quando viu Dalva e o filho, sentiu tudo revirando dentro dela, uma vertigem poderosa custou a ser dominada. Teve vergonha, estava nua demais diante dos dois. Reduziu o passo, se calou sem nenhuma arrogância, como se toda a suavidade do mundo pousasse sobre ela. Aproximou engolindo seco, poucas vezes não sabia o que fazer, tentou se cobrir um pouco como se diante do filho precisasse ser menos indecente, queria merecer seu respeito. [...] Preciso que você fique com João hoje, na sacola tem tudo, anotei cada coisa no papel para você saber o que fazer. Antes do fim da tarde, eu venho buscar *nosso filho*. [...] As outras putas já estavam volumosas no alpendre, recuadas, acompanhando de longe uma negociação de guerra no meio do campo de batalha. Ignoravam que não havia mais guerra, há muito outras forças moviam as duas. Dalva agradeceu sincera e prosseguiu. Lucy ficou ali, com o filho nos braços, vendo ela se afastar. Não compreenderia aquela mulher nunca. Nunca (Madeira, 2023, p. 190 -191, grifo nosso).

A ambivalência força/fragilidade em Dalva se manifesta de maneira sutil, mas poderosa no trecho citado. Ao se arrumar, soltar o cabelo e colocar um “vestido antigo de primavera”, Dalva demonstra uma preparação cuidadosa para deixar para trás sua dor e tristeza, revelando sua determinação para enfrentar aquele momento. Por outro lado, o vestido também pode ser interpretado como um símbolo de fragilidade, por estar associado à ideia do “feminino”, especialmente por ser um vestido de primavera, uma estação que aponta para alegria e leveza.

A força da personagem pode ser percebida na capacidade de começar a se libertar das “toneladas do mundo” que carregava nos ombros. Essa metáfora mostra o peso emocional e psicológico que ela suportou por anos, fortemente ligado aos traumas, aos sofrimentos, e ao relacionamento complicado com Venâncio. O fato de “começar a se despedir de seu casulo cinza” indica que Dalva está avançando em direção à mudança, o que exige uma enorme força interior, pois é necessário enfrentar medos e desafios para se transformar. No entanto, essa mesma passagem também revela a fragilidade da personagem, representada pelo casulo, que pode ser lido como proteção.

O casulo é o lugar onde a lagarta se protege enquanto se prepara para a mudança. Embora romper o casulo demonstre força para se libertar, é nesse rompimento que a borboleta se torna exposta às adversidades do mundo exterior. Pode-se dizer que isso é o que acontece com Dalva: ela usou sua indiferença e afastamento das pessoas, especialmente de Venâncio, como uma forma de proteção. Ao se abrir novamente para esses relacionamentos, ela se torna

vulnerável a possíveis desafios, mas esse risco é necessário para que a transformação ocorra. Em suma, essa metáfora da metamorfose ilustra a base da ambivalência de Dalva, que está claramente alternando entre a força e fragilidade. Sua transformação é algo forte, mas ainda está em processo, “Ainda não era, mas seria uma borboleta” o que a mantém em uma posição frágil.

A personagem Dalva, em certa passagem da narrativa, é alvo de agressão física por parte de Lucy. Após Dalva demonstrar indiferença diante do ódio de Lucy, a prostituta viu a oportunidade de revidar, mordendo os dedos de Dalva sem hesitação: “Mordeu. Mordeu para arrancar” (Madeira, 2023, p. 129). Mesmo diante dessa demonstração de ódio, Dalva foi capaz de compartilhar o cuidado do filho, uma criança que ela ama, mesmo sendo fruto de uma relação extraconjugal de seu marido, com a mulher que a entregou a criança.

Dalva, ao reconhecer a maternidade compartilhada com Lucy e chamar o bebê de “nosso filho”, percebe que unir-se a Lucy a torna muito mais forte do que tentar enfrentar tudo sozinha. Esse reconhecimento é uma expressão significativa de solidariedade entre as personagens, uma união delas em busca de objetivos comuns, como forma de superar o isolamento. Ao mesmo tempo, Dalva compreende que, embora sejam diferentes, essa aliança não exige que elas apaguem suas individualidades, mas sim que reconheçam a força que surge ao se apoiarem mutuamente, preservando suas particularidades

Em uma das passagens mais simbólicas da obra, Dalva reconhece o filho que recebeu de Lucy como filho de ambas. É também nesse momento que Dalva decide trazer de volta para casa o filho que todos acreditavam estar morto. Durante esse reconhecimento, Lucy se sentiu exposta e vulnerável, descrita como estando usando “Uma camisola branca deixava ver a beleza de seus seios, a transparência das formas das pernas, a sombra do umbigo e dos pelos”. Para muitas mulheres, a nudez de Lucy poderia ser vista como uma ameaça; no entanto, Dalva tratou a situação com leveza, evidenciando mais uma vez sua força ao não agir com indiferença em relação a Lucy. Nem mesmo ao descobrir a gravidez inesperada de Lucy e a relação extraconjugal de seu marido, Dalva ressentiu-se de Lucy. Pelo contrário, ela saiu em sua defesa para protegê-la da violência de Venâncio, a qual ela já havia vivenciado, como podemos ver na cena em que Venâncio sabe da gravidez de Lucy: “Grávida? Sua puta traíçoeira. E foi deixando crescer o corpo para cima dela, dando cabeçadas, fazendo ela sangrar, até que a ponta de uma faca arranhou seu pescoço com coragem. Era Dalva. Larga ela, Venâncio, ou eu juro que mato você, lar-ga-ela” (Madeira, 2023, p. 151).

Podemos perceber de forma mais clara esse ato de solidariedade, quando a personagem Dalva renúncia a oportunidade de se vingar de Lucy para salvá-la, isso fica mais

evidente no trecho em que Lucy reconhece: “A mulher que ela tanto infernizava, todos os dias, nem vingança queria, pegou uma faca com os dedos deformados pelos seus dentes e sequer mirou na sua direção. Ao contrário, salvou o pescoço dela, talvez a vida, talvez o filho” (Madeira, 2023, p.152). Mesmo diante da agressão, Dalva escolhe a compaixão em vez do ódio, resgatando Lucy de um destino talvez trágico. Esse ato é uma demonstração de uma solidariedade que ultrapassa os conflitos pessoais e as rivalidades, destacando a capacidade de Dalva de reconhecer a humanidade de Lucy, mesmo quando ela não fez o mesmo.

Mais uma vez, é essencial não romantizar essa atitude como um modelo ideal de comportamento esperado para a mulher. Agir com empatia em um contexto de dor e injustiça é uma escolha pessoal da personagem, e não deve ser visto como padrão. Ao idealizarmos este gesto, corre-se o risco de reforçar estereótipos que pressionam as mulheres a perdoarem e se sacrificarem, mesmo em situações nas quais poderiam buscar outros caminhos, como o distanciamento de relações que as ferem. Dalva não é perfeita por ter escolhido a compaixão, e sua atitude, embora poderosa, não deve ser tomada como um padrão obrigatório, pois cada mulher tem o direito de reagir de acordo com suas próprias necessidades e limites.

Diante disso, podemos perceber que a personagem Dalva busca sua força em meio às suas fragilidades e sua ambivalência não é um sinal de fraqueza, mas sim um testemunho de sua complexidade como ser humano. Ela exemplifica como as ideias sociais enraizadas operam em nossas vidas, muitas vezes de maneira tão sutil que nem percebemos que, através de nossas ações, estamos contribuindo para a continuidade de uma ordem social falocêntrica que limita as mulheres. A personagem, por um lado, é forte o suficiente para suportar a dor e usar o sofrimento como um meio de manter seu poder emocional. Por outro, ela é frágil ao ponto de não conseguir escapar de sua situação, aprisionada por uma rede de emoções e pressões sociais que limitam suas ações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ambivalência força/fragilidade como chave interpretativa na construção de personagens mulheres na literatura contemporânea, especialmente no caso de Dalva, em *Tudo é Rio*, de Carla Madeira (2014), é algo relevante para os estudos literários, pois a partir dela podemos observar que a ambivalência na trajetória de Dalva reflete não só seus dilemas internos, mas também experiências de mulheres na sociedade. A força e fragilidade coexistem em suas escolhas e atitudes, estando presentes nas esferas afetiva, familiar e social. Afetivamente, Dalva é decidida em suas escolhas, mas essa determinação também a torna vulnerável diante de suas perdas emocionais. Na esfera familiar, sua força é evidenciada na luta para criar seus filhos, enquanto sua fragilidade se manifesta nas pressões sociais que a fazem questionar suas habilidades como mãe. Sendo assim, socialmente, ela enfrenta desafios, mostrando coragem e resistência, mas também se vê vulnerável às expectativas impostas a ela.

Ao longo da narrativa, percebemos que, embora Dalva passe por situações de submissão e violência, ela consegue ressignificar essas experiências, buscando sua autonomia e dignidade. A coexistência de força e fragilidade é fundamental para entender o desenvolvimento da personagem, pois nos permite perceber que o fato de Dalva, em alguns momentos, ser tão segura de suas escolhas e fiel às suas vontades e opiniões, enquanto em outros questiona suas decisões e cede às pressões sociais, não representa uma inconsistência. Pelo contrário, isso reflete uma característica comum de quem somos como seres humanos. Mas, vale ressaltar que, como mulher, Dalva enfrenta pressões sociais que influenciam diretamente suas experiências. Ao vivenciar essa ambivalência, a personagem se transforma gradualmente, mostrando que é possível ser forte e frágil ao mesmo tempo, e que isso não é algo negativo, mas uma parte de sua personalidade.

Além disso, a solidariedade, ligada à ambivalência, mostra-se essencial na obra ao revelar as relações entre as mulheres, especialmente entre Dalva e Lucy. Essa união entre elas se torna uma forma de enfrentar desafios e questionar os papéis impostos pela sociedade. As personagens sempre estiveram conectadas não apenas por motivações pessoais, como o fato de ambas fazerem parte da vida de Venâncio, mas também por laços sociais, sendo ambas mulheres, mães e vítimas de uma estrutura profundamente machista.

Outrossim, a maternidade acentua essa ambivalência em Dalva, destacando como ela equilibra sua força e fragilidade diante das pressões sociais e emocionais de ser mãe. Em determinados momentos, a fragilidade da personagem foi maior, principalmente devido ao seu

forte desejo de ser mãe e ao abalo causado pela “perda” de seu filho, somado às incertezas geradas pela responsabilidade de criar o filho que lhe foi entregue por Lucy. Contudo, foi justamente nesses momentos de maior fragilidade que Dalva demonstrou sua maior força, ao se dedicar a esse papel e desempenhá-lo não de maneira perfeita, mas da melhor maneira possível.

Ao explorarmos a ambivalência força/fragilidade em Dalva, contribuímos significativamente para a compreensão das narrativas contemporâneas escritas por mulheres, ao possibilitar uma análise mais profunda das representações de mulheres na literatura. Deste modo, esta pesquisa não apenas constrói uma crítica literária relevante para uma autora contemporânea, mas também oferece uma visão crítica sobre como a literatura de autoria de mulheres aborda temas como maternidade e solidariedade. Assim, o estudo enriquece o debate sobre a posição das mulheres na sociedade e na literatura, destacando as complexidades e tensões que marcam suas experiências e identidades.

Nesse sentido, é de suma importância que tenhamos futuras pesquisas, que possam investigar como a ambivalência força/fragilidade se manifesta em outras personagens na literatura contemporânea, especialmente em obras escritas por mulheres. Estudos comparativos entre diferentes autoras e personagens podem revelar padrões e variações na forma como esses temas são tratados em diferentes contextos culturais e sociais.

Portanto, a análise da ambivalência força/fragilidade em personagens como Dalva de *Tudo é Rio* abre caminhos significativos para o estudo das representações de mulheres na literatura contemporânea. Esse contraste, presente em suas vivências afetivas, sociais e familiares, não apenas reflete os dilemas internos da personagem, mas também reflete as experiências de muitas mulheres na sociedade atual. Investigar essa ambivalência e sua conexão com temas como maternidade e solidariedade permite aprofundar o debate sobre papéis de gênero e identidade, incentivando futuras pesquisas que ampliem essas discussões em diferentes contextos literários e culturais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado**: o mito do amor materno. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 372 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 1. v.
- CURY, Maria Zilda Ferreira; ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; MELO, Cimara Valentim de. **A literatura contemporânea de autoria feminina**: trajetórias e transgressões. Porto Alegre, RS: Zouk, 2023.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012. 245 p.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2010. p. 33-58.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista**: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020. 384 p.
- MADEIRA, Carla. **Tudo é Rio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023. 209 p.
- MENDONÇA, Maria Collier de. Maternidade e Maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. **Revista Ártemis**, v. 31, n. 1, p. 56-72, jan-jun. 2021.
- O'REILLY, Andrea. **Matricentric Feminism: a feminism for mothers**. Journal of the Motherhood initiative. v. 10, n. 1, 2, 2019.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2008.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 01, p. 84-97, 2000.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina**: vozes de permanência e poética da agressão. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 320 p.